

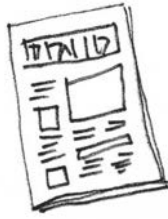
ÁLVARO MAGALHÃES

O RAPAZ DOS
SAPATOS PRATEADOS

ASA

ÍNDICE

1. Entre os grunhos	7
2. Fazendo-me à vida!	19
3. Os 300 que o céu faz soar	25
4. O coração trespassado pela incompreensão do mundo	29
5. O fim da infância	33
6. Uma história mal contada	46
7. Desporto, para que te quero?	55
8. Porque dá tanto trabalho ser feliz?	61
9. O Senhor da Caneta	69
10. O homem que queria morrer	77
11. Todos no Céu, amontoados, como pãezinhos de leite	83
12. O problema é que nunca se sabe	93
13. A alma que ri	99
14. Perseguem-nos como fantasmas	111
15. O Paraíso	119
16. Não há crime sem um suspeito nem herói sem um rival	127
17. O Assassino do Braço Tatuado	139
18. Como se trata uma alma	149
19. Por ti, matarei monstros e dragões	157
20. A noite guarda um segredo	163
21. A criança que sabe	175
22. O fim de uma linha	189
23. O Rapaz dos Sapatos Prateados	195



1

ENTRE OS GRUNHOS

Tinha 6 anos quando percebi que o mundo não rimava comigo e experimentei a dolorosa solidão dos diferentes. Tudo, ou quase tudo, à minha volta me parecia estranho; a começar pela minha família.

Eu gostava de palavras e tinha aprendido a ler e escrever muito antes dos outros todos da minha sala. Como? Onde? Aí é que está! Como ninguém me ensinou, acho que foi a olhar para os títulos dos jornais desportivos que o meu pai trazia para casa ao fim do dia, ou nas revistas que me apareciam à frente, ou até nos letreiros das montras e nos cartazes publicitários. Felizmente, as palavras estão por todo o lado. Eu olhava para elas e elas olhavam para mim como se me conhecessem. Talvez de uma vida anterior em que fomos felizes e vivemos uma história de amor.

“Este rapaz é esperto”, comentavam todos, e perguntavam a quem eu saía.

“A nenhum de vocês!”, era o que me apetecia gritar.

– Para mim, é *sobrelotado*, o que também não é bom – disse a minha irmã.

– Sobredotado! – corrigi eu.

Mas não sou nada disso. Considero-me um rapaz normal, até porque quero atravessar a vida sem dar nas vistas; eles, os outros à minha volta, é que são um desvio da norma.

Dizia eu que sempre gostei de palavras. Onde os outros viam manchas de tinta ou arabescos sem sentido, eu via a chave que me abria todas as portas. Muitos colecionam cromos, soldadinhos ou miniaturas de carros; eu colecionava palavras estranhas, misteriosas, delicadas, cujo significado desconhecia, e que escrevia num caderno só delas: epitáfio, pináculo, balsamina, alfenim, clematite, delfínio, paramécia, acalanto, panzuá. A Alice (pois, a do País das Maravilhas) também não sabia o significado das palavras “latitude” e “longitude”, mas gostava de as dizer porque achava que eram palavras elegantes e distintas. E não são?

Por isso, quando, cá em casa, me perguntaram o que eu queria ser quando fosse grande, respondi sem hesitar:

– Quero ser poeta e escrever poesia.

A minha mãe ficou de boca aberta, muito abalada. Se eu era tão esperto, pensou ela, podia ser médico, engenheiro, advogado, apresentador de televisão, “até” jogador de futebol.

– Olha poesia!... – disse a minha irmã, com desprezo, e espirrou três vezes seguidas.

O meu pai não disse nada porque estava de boca aberta, consternado, que é uma palavra desagradável mas também elegante que quer dizer consternado. Só o meu avô não reagiu mal porque já não dava por nada. No passado, também deve ter sido como eles: inculto, iletrado, insensível; mas, agora, com quase 90 anos, estava acima de tudo isso e transformara-se noutra coisa. Ou em coisa nenhuma. Não se sabia.

E a minha mãe a insistir:

– O que é isso, poesia? Não é aquilo que vem nos livros?

– É tipo... quando está pôr-do-sol e há uma música romântica e isso – disse a estúpida da minha irmã.

Olharam para mim, à espera de uma explicação. Se eu queria ser poeta, devia saber o que isso era.

– A poesia é... – comecei, mas nem uma ideia razoável me ocorreu.

A minha cabeça bloqueara, como se uma feiticeira a tivesse transformado em pedra.

– Poesia é aquilo que vem nos livros, fazer versinhos? – insistiu a minha mãe.

– Pior – disse o meu pai. – Fazer versinhos é fazer versinhos: “Ó meu rico S. João, cá vou eu com o meu balão...” Não, a poesia é diferente: é ficar a olhar, embasbacado, para uma pedra, ou para um pássaro, ou para uma flor; é querer decifrar os mistérios todos do universo, passar fome e alimentar-se da poeira das estrelas, ser um vagabundo, um desgraçado, que aos poetas tudo corre mal, é...

Há que reconhecer que o meu pai, na sua esforçada explicação, quase chegou a ser poético. Talvez por isso a minha mãe e a minha irmã não tenham percebido nada.

– Bem, é difícil explicar – consentiu ele, por fim. – O que interessa é que ele nunca vai ganhar a vida. Achas que há empregos para poetas?

O meu pai só queria que eu fosse capaz de ganhar dinheiro, ou como astronauta ou como calceteiro.

– Eu bem vos disse que ele era meio morcão, meio totó. Olha poesia! – disse a minha irmã, e voltou a espirrar três vezes.

Era certamente uma alergia.

– Vocês querem que eu arranje emprego!?! – perguntei, espantado.

– Não é agora. Arre! – disse a minha mãe. – E afinal o que é, ao certo, a poesia? Sabes dizer-me?

Desta vez, eu já ia lançado, mas aquele “ao certo” fez-me hesitar.

– A poesia é... – comecei eu. – E tem de ser ao certo?

O que era a poesia? Fazia uma vaga ideia, mas – ao certo, ao certo – não sabia (e sem ser ao certo também não). E era estranho que eu gostasse de uma coisa que não sabia o que era. Já eram duas, aliás, se contasse com a rapariga dos olhos cor de avelã que morava duas casas acima da minha, do outro lado da rua. Também não sabia quem era e gostava dela que me fartava.

Nunca sabemos porque gostamos tanto disto ou daquela pessoa, e não de outra coisa ou de outra pessoa. É um mistério. Mais um. Vivemos rodeados por formas estranhas e cada uma delas é uma interrogação. Mistério, tudo é mistério. As coisas mais importantes são perfeitos enigmas: o Amor, a Poesia, Deus, a Morte, a própria Vida é um mistério de todos os dias e noites.

Fosse como fosse, naquele momento, decidi que nunca mais usaria essa palavra, poesia, na presença da

minha família. A minha irmã até espirrava de cada vez que a dizia. Fui até à janela, afastei as cortinas puídas de tecido às flores e olhei a rua deserta. Precisava de imaginar qualquer coisa que corrigisse aquela realidade ou, ao menos, me levasse para longe dela. Então, pensei que fazia parte da família da rapariga dos olhos cor de avelã. De certeza que os pais dela apreciavam poesia, e ela também. Melhor ainda: sabiam o que era a poesia. Só havia um problema. Se eu fosse da família dela, não podia namorar com ela, mesmo que só a namorasse em sonhos. O problema era que, num dia assim, nem as imaginações me saíam bem.

Digo-vos: é triste ser-se um jovem sensível, delicado, no meio de uma família de “3 Is”: iletrados, incultos, insensíveis. Isto para ser simpático (afinal, trata-se da minha família, não tenho outra), pois podia facilmente acrescentar outros Is: insensatos, inconvenientes, irascíveis, incorretos, impertinentes, indelicados, irritantes, imbecis. Não há palavras começadas por “I” que cheguem para descrever a minha família. Chamolhes grunhos, uma palavra grosseira que grunhe e ruge (*grrr...*), resumindo todas essas “qualidades”.

Tinha crescido a olhar para eles e já me habituara, mas, por vezes, sentia-me só, e também estranho,

deslocado, como naquele dia, no centro comercial, em que me enganei e entrei na casa de banho das mulheres. Nem sequer sou parecido com eles, que são todos morenos com cabelos escuros, além de fortes e atarracados, enquanto eu sou pálido, ruivo e franzino (enfestado, como eles dizem). Normalmente, as pessoas debruçam-se sobre um bebé, à procura de parecenças, e dizem que tem o nariz do pai, a boca da mãe, os olhos da avó, o cabelo do tio. Nada lhes pertence, coitados. No meu caso, porém, não tinham nada a dizer. “Com quem é ele parecido?”, perguntavam ao fim de algum tempo de observação. “Será parecido com algum dos avós?” Sim, também tem duas orelhas e dois buracos no nariz. “Será parecido com o pai?” Sim, têm ambos duas pernas e um par de sobrancelhas. “Será parecido com a mãe?” Talvez, têm ambos um único nariz e cinco dedos em cada mão.

Por fim, concluía, com tristeza: “Não é parecido com ninguém, pois não?” Pois sim, pensava eu, agradecido. É porque era parecido comigo.

Nestas alturas de crise e de dúvida, cheguei mesmo a pensar se não teria havido um engano aquando da minha chegada à vida, talvez na distribuição dos bebés na maternidade.

Cheguei a imaginar coisas assim:



É por estas e por outras que vou fazer um teste de ADN quando tiver tamanho e dinheiro suficientes. Até lá, vou tentar não pensar nisso. O pior é que uma noite fiz umas contas por alto e num universo de 11 pessoas que conhecia muito bem, 21 que conhecia bem e 16 que conhecia mais ou menos, só havia 2 que eram inteligentes, cultas e sensíveis: eu e o meu amigo Vasco. Era desanimador. Em cada 48 pessoas, havia 46 grunhos.

De certeza que havia outras estatísticas, melhores do que a minha, e piores também. Logo, a média não podia ser muito diferente. Foi então que percebi que vivia no meio de uma família de grunhos, num bairro, numa cidade, num país, num continente, num mundo infestado e dominado por grunhos. Não havia saída. E eu ainda a começar a minha vida.

Nessa noite, conversei longamente com o Tim, o meu urso de peluche (sim, ele fala, embora só eu seja capaz de o ouvir) sobre o meu futuro. Mas não chegámos a nenhuma conclusão. Por isso, fiz uma lista, ou antes, duas: uma das coisas pelas quais valia a pena viver e tornar-me um adolescente borbulhento e, depois, um adulto acabado, ou seja, um verdadeiro imbecil; e outra das coisas pelas quais não valia a pena viver.

Coisas pelas quais vale a pena viver

- ✓ A rapariga dos olhos cor de avelã da minha rua
- ✓ Unicórnios, mesmo que digam que não existem
- ✓ O sabor das cerejas
- ✓ Animais, que são inocentes toda a vida
- ✓ Crianças, claro
- ✓ Imaginar coisas
- ✓ Brincar
- ✓ O meu urso Tim
- ✓ O silêncio, quando precisamos de silêncio
- ✓ A poesia, seja lá o que for

Coisas pelas quais não vale a pena viver

- ✓ A escola
- ✓ Os horários escolares, com aulas às 8h30
- ✓ Os dias de chuva miudinha em que não se pode ir para o recreio
- ✓ As constipações
- ✓ O excesso de grunhos à face da Terra
- ✓ Tripas à moda do Porto
- ✓ Carregar a mochila da escola ao fim do dia
- ✓ O 2.º Ciclo
- ✓ Ter de cortar as unhas das mãos e dos pés todas as semanas
- ✓ O futuro, de uma maneira geral (ser adulto, trabalhar e isso)